

Reabilitação e laço social em um CAPS para crianças e adolescentes. O exemplo do CARIM¹

Marcelo Abreu Maciel

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

Mestre em Educação pela UFRJ, psicólogo, doutorando do curso de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ.

No processo de reabilitação psicossocial o que mais importa é como funciona o Serviço em si e não uma definição tão imprecisa como o Tratamento. Levando às últimas consequências este raciocínio, pode-se dizer que o Serviço é o Tratamento. É importante compreender essa afirmação como um alerta de que não basta para o processo de reabilitação implementar uma série de técnicas, formuladas por uma equipe e aplicadas sobre pacientes passivos. Nesse caso, a parte mais importante do funcionamento do Serviço passaria despercebida: a relação com sujeitos. As crianças e os adolescentes não devem ser aprisionados no papel de doentes e a equipe deve interagir com sujeitos, para além de um perfil clínico individual. Mais que as estratégias postas em prática em cada oficina, é fundamental sobressair no clima geral do serviço. As oficinas devem apontar para a possibilidade de ligar as imagens com as palavras, o corpo com a linguagem, ligar os significantes entre si num discurso. Para isso pode-se trabalhar com fotografia, dança, escrita, artes plásticas, teatro, esporte, mas também valorizar as pequenas trocas simbólicas que o convívio social incidental proporciona: as refeições, os passeios, os jogos e os problemas do dia a dia.

Chegando ao CARIM: Centro de Atenção Psi- cossocial para infância e mocidade

Não são poucas as dificuldades trazidas por jovens, crianças e familiares que passam a frequentar o CARIM², como um lugar de cuidados de seu sofrimento psíquico. Muitos deles vivem o isolamento social, a saída da escola ou uma escolarização atravessada por interrupções, repetições e dificuldades com os colegas de turma e com a própria estrutura escolar. Este isolamento atravessa áreas e experiências que são fundamentais para jovens e crianças: o lazer, a constituição de grupos de referência, a exploração da cidade enquanto espaço de socialização, os primeiros encontros amorosos, no caso dos jovens. Assim sendo, um CAPS passa a ser um espaço estratégico na reabilitação psicossocial quando estamos envolvidos no cuidado dessa população, pois se trata de um dispositivo que tem no convívio entre sujeitos uma de suas características fundamentais. Ele pode representar para essas crianças e jovens uma possibilidade de saída ou atenuação dos seus sofrimentos, já que convida a família, a criança ou o adolescente a lidar com este sofrimento sem estarem deslocados de importantes espaços sociais: o espaço urbano, o lazer, a escola e o grupo de iguais, entre outros.

Na prática desenvolvida no CARIM, além dos procedimentos iniciais de avaliações clínicas, é fundamental possibilitar a este cliente, que está chegando, uma primeira aproximação com um espaço de convivência – o que será novo para muitos. Eles tomam contato com as atividades já programadas do Centro, mas devem ser deixados livres para poder expressar, dentro de suas possibilidades, o que gostam, o que fazem ou faziam, ou o que gostariam de fazer. Ou seja, o que em outros espaços terapêuticos pode ficar como dado complementar a uma entrevista clínica, no trabalho de reabilitação com jovens e crianças é importante que sua vida, seus hábitos, sua cultura, seus conhecimentos, sejam incluídos em sua programação terapêutica. Se estamos operando no campo da reabilitação psicossocial, devemos relativizar a ideia de que somente as técnicas clínicas são dispositivos eficazes de tratamento. Os gostos, os desejos, as particularidades, significam a possibilidade de entrar no universo tão singular da adolescência e da infância com o qual iremos operar através das atividades propostas nas oficinas, nos grupos, nas atividades internas e externas ao CARIM. Este universo servirá de dispositivo no tratamento, ao mesmo tempo em que legitima o papel da criatividade, do lúdico no trabalho com jovens e crianças.

Oficinas: A linguagem, o corpo e o lazer - Algumas formas de fazer e pensar reabilitação psicossocial com crianças e jovens.

Muitas vezes esses mesmos gostos, paixões e habilidades vêm misturadas com o próprio quadro sintomático, como no caso de Fernando e André. Fernando, apaixonado por quadrinhos e por desenhar histórias de super-heróis. André, além da forte identificação com os quadrinhos e com o desenho, possuía uma paixão pelo futebol, em particular o time do Palmeiras. Fernando, de certa forma, isolado dentro desse universo ilustrado, como se a sua vida tivesse a mesma moldura dos desenhos. André vivia uma grande dificuldade de se deslocar para outros assuntos, outras histórias que não fosse o futebol e os personagens criados por ele, trazendo fortes consequências de socialização para um garoto de 16 anos.

Como trabalhar a partir daí? É nesse sentido que as oficinas podem ser uma estratégia importante já que, mesmo sendo coletivas, buscam um direcionamento singular, de acordo com a história de cada pessoa ali envolvida. Dessa forma, possibilita-se a expressão de questões subjetivas, assim como, facilitam-se as trocas simbólicas e afetivas dos participan-

tes entre si, num intercâmbio coletivo de experiências. As oficinas buscam impulsionar o jovem em direção à construção de laços sociais e de uma maior possibilidade do estabelecimento de um contrato social. O resultado buscado junto à clientela, além da diminuição do grave sofrimento psíquico, é um melhor gerenciamento de suas vidas e uma alternativa à carreira manicomial. Fernando e André puderam transformar seus desenhos e suas histórias numa singular estratégia de socialização e companheirismo naquele espaço. André desenhava e sabia tudo do futebol, trazendo informações atuais e históricas que eram socializadas pelos interessados no tema. Fernando fazia desenhos que despertava e aguçava a curiosidade estética dos meninos e dos técnicos também. Sendo assim, aquilo que neles falava só como um sintoma, um certo isolamento, passa a existir de outra forma, ter um outro sentido, outro movimento.

No interior de cada oficina o jovem é chamado a desconstruir o lugar de doente e a ocupar o lugar de um sujeito implicado com a construção coletiva de pactos e acordos a serem respeitados por todos. Através da ferramenta própria a cada oficina, cada participante se depara com a possibilidade de tomar uma posição a respeito de si mesmo e dos outros. Assim elas podem funcionar como lugares privilegiados de trabalho para

algumas questões trazidas pelas crianças ou adolescentes. Uma oficina que trabalhe, por exemplo, com a produção de histórias, com a linguagem escrita, com desenhos, com a leitura, pode oferecer aos participantes um espaço de expressão, reflexão, elaboração e troca interpessoal através dessas atividades. Por outro lado, ainda vai favorecer o aparecimento do universo escolar na vida de cada sujeito ali inserido: como está na escola, quem está fora, quem nunca foi, quem interrompeu, entre outras situações. A leitura pode possibilitar crianças e jovens a se depararem com novos caminhos, com novas formas de ver o mundo e de enfrentar suas dificuldades, além de terem seu universo cultural enriquecido.

Esses espaços não são apenas células privilegiadas da reabilitação psicossocial. Eles são lugares de construções de propostas, projetos, que possibilitam a participação de crianças e jovens de forma que eles se reconheçam naquilo que estão produzindo e saiam de uma situação de menos valia proporcionada pelo adoecimento. A atividade de produzir um jornal em grupo constitui outro exemplo do que pode ser uma forma de divulgar as produções dos adolescentes a seus familiares e ao público em geral, sendo, portanto, uma maneira de valorizá-los por seus aspectos saudáveis. Aspectos esses que muitas vezes não são reconhecidos

no seu cotidiano, que vem marcado, muitas vezes, por uma série de proibições e interdições por conta de dificuldades familiares, mas, também, pela percepção que esses jovens têm sobre si mesmo.

Um bom exemplo disso é o de entrar na cozinha e preparar um alimento, o que pode parecer algo muito simples para qualquer um que se interesse por essa atividade. Porém, para essa população adolescente, isto está cercado de dificuldades: aquelas inerentes aos próprios entraves pragmáticos, somados à ausência de encorajamento para cumprir tal tarefa e à descrença que eles serão capazes de cumpri-la dentro do seu próprio tempo e estilo.

Um trabalho de oficina de culinária pode ser um espaço que provoque a promoção da autonomia em um dos aspectos mais básicos da existência e da necessidade humana: a alimentação e, conseqüentemente, da autoconservação a ela ligado. Essa autonomia diz respeito não só ao incremento da autoestima de cada jovem, mas também à possibilidade de mudança de status dentro do contexto familiar. Estimular a independência de atitudes e decisões é possibilitar uma nova forma de lidar, tanto do adolescente quanto de sua família, com os acometimentos trazidos por um grave padecimento psíquico e possibilitar a ambos um novo espaço dentro do contexto social em

que estão inseridos.

Em algumas atividades específicas, esse jogo da autonomia dos pacientes, da dinâmica indivíduo/grupo e da significação que cada um tem seus problemas fica muito claro. Uma proposta realizada em torno de reciclagem de latas e garrafas de refrigerantes, trabalhou-se questões como cooperação e responsabilidade a partir da proposta de implicar todos para a troca por objetos almejados pelo grupo (bolas de futebol, mesa de ping-pong, rede de vôlei, etc.). Eram artigos que seriam usados pelo grupo dentro do CARIM, por isso os momentos de reunião para decidir quais seriam esses bens era sempre um momento muito rico, já que se podia observar como cada participante se colocava, defendia as suas ideias e estratégias.

Fábio adorava jogar futebol. Mais do que isso, ele sonhava em ser uma “estrela do mundo da bola”. Contudo, diante da atividade de recolher latas, limpá-las e amassá-las para poder juntar e futuramente trocar, ele se colocava numa posição não participativa, querendo que os demais demonstrassem compreensão com ele e “seus problemas”. Quando finalmente o grupo atingiu o objetivo de adquirir a tão sonhada bola oficial de futebol, Fábio foi o primeiro a se apresentar para jogar. Nesse dia, então, o grupo fez, espontaneamente, uma assembleia para decidir se Fá-

bio deveria jogar ou não, já que ele não havia participado do processo da reciclagem. A deliberação foi conversar com Fábio, ponderar sobre o que eles acharam de seu envolvimento na tarefa da reciclagem, mas resolveram que naquele dia iriam lhe dar uma chance de se divertir também. O grupo pôde não só falar da reciclagem em si, mas, principalmente, dizer a Fábio que apelar para suas dificuldades não era um bom caminho diante de si e do grupo.

Mas não é só cozinhar ou reciclar que diz respeito ao desafio da autonomia no cotidiano. Desejar ir a um cinema, sair para casa de um amigo que fez no CARIM ou em outro espaço, dar uma volta no bairro ou até mesmo ir sozinho para o tratamento, são aspectos que envolvem as negociações e as contratualidades entre jovens, famílias e profissionais. O lazer é um tema fundamental num trabalho da reabilitação, pois significa mais uma forma de inserção na comunidade, através do divertimento. Ter um espaço que possa propiciar a oportunidade para adolescentes planejarem e vivenciarem atividades voltadas para o lazer é de extrema significação dentro de um Centro-Dia. Isso leva a equipe a pensar que reabilitação se realiza não apenas dentro do espaço do CARIM. Atividades externas são fundamentais, pois reforçam uma concepção de que reabilitação é algo que diz respeito às cidades, ao

comunitário, ao laço social. Portanto, dentro ou fora da espacialidade de um CAPS, a reabilitação está se produzindo. Em algumas atividades mesmo sem possuir uma fronteira bem definida, aposta-se que esteja ocorrendo um processo reabilitativo: sair para fazer uma oficina em outro lugar, ir jogar bola num espaço público, ir numa exposição, num passeio.

Muitas vezes esse lazer pode se dar dentro do próprio ambiente do CARIM, a partir de algo proposto pelos próprios pacientes. Realizar um trabalho com vídeo pode significar entrelaçar a assistência a intervenções no campo da cultura e a participação dos jovens é fundamental. Inicia-se com um debate para a escolha prévia do filme a ser assistido; depois a decisão de quem irá à locadora alugá-lo e ficar responsável pelo mesmo; após a exibição, conversa-se livremente sobre os temas, questões ou dúvidas suscitadas: os acontecimentos, as partes do filme que mais chamaram a atenção, os personagens e suas características etc. Esta atividade abre as portas da experimentação e da invenção de práticas sociais que possam envolvê-los num movimento coletivo de buscar novas modalidades de existência, novos valores e novos sentidos. Como no caso de Ana, que sempre foi apaixonada por cinema e por filmes românticos adolescentes. A oficina de vídeo possibilitou que pudesse aparecer a sugestão de or-

ganização de uma videoteca, bem como quais filmes seriam incluídos e assistidos. Ana, que sempre teve muitas dificuldades em criar parcerias e amizades dentro e fora do CARIM, pôde encontrar uma forma de dialogar com essa dificuldade tendo como dispositivo mediador os vídeos, suas histórias e aventuras.

É importante perceber como um trabalho dentro do espaço de uma oficina pode tomar uma dimensão muito particularizada para cada participante. Talvez se possa dizer que uma oficina não é terapêutica por princípio, mas se torna terapêutica a partir do momento em que se produz uma costura entre a proposta e a maneira como crianças e jovens vão estabelecendo relações de pertencimento e identificações com aquele espaço.

Alguns temas são importantes de serem abordados dentro desse trabalho. A questão do corpo, por exemplo, é um tema sempre muito trazido por adolescentes. O corpo do encontro sexual, o corpo movimento, o corpo habilidade, o corpo desafio, o corpo medicado e o corpo na imagem corporal. Uma experiência que envolva esta questão, dentro do espaço de uma oficina, representa uma possibilidade de desenvolvimento psicossocial pela via da ação e do jogo, privilegiando o corpo através de diversas atividades lúdicas sensório-motoras; de movimentos finos e grosseiros, amplos e restritos, que possibilitem

trabalhar a noção corporal e facilitar a percepção dos limites externos e internos de cada um, favorecendo a passagem do prazer de agir ao prazer de pensar. Com isso, observa-se no espaço da oficina, certa estabilização dos sintomas individuais e o deslocamento da atenção desses para o grupo. Essa mudança de foco auxilia no brotar das questões dos direitos e deveres e permite, também, estimular a autocrítica, o resgate da cidadania e da reabilitação social.

O esporte pode ser uma boa via de diálogo quando falamos de corpo. A experiência de organizar atividades que envolvam competições, desafios e o próprio grupo traz à cena da reabilitação muitos aspectos que para esses jovens e crianças seriam anteriormente geradores de depreciação na autoestima.

Paula é uma paciente de 15 anos que durante uma olimpíada realizada no CARIM havia se inscrito em várias modalidades, participou ativamente da organização das regras, confecção dos cartazes, incentivou vários outros adolescentes a participar, mas na semana das provas e da competição não conseguiu sequer vir ao Centro. Ela não conseguiu participar de nenhuma modalidade. Na semana seguinte ao término da Olimpíada retornou ao CARIM e quando questionada pela equipe a razão das faltas, respondeu – *“fiquei com medo de não corresponder às expectati-*

vas de vocês”. A coragem de Paula em declarar seu medo, possibilitou que outros revelassem também seus anseios, falando como conseguiram superá-los, não permitindo que estes os paralisassem. Por várias semanas dialogou-se sobre os sentimentos de prazer e desprazer, o que favoreceu o grupo a fazer associações com as cobranças do dia a dia da escola, da família e dos amigos. Foi um momento ímpar para todos.

Ainda na temática do corpo, a capoeira pode significar para esses jovens a concretização de uma atividade física, tendo em vista que muitos deles possuem uma vida sedentária, na qual é muito comum a ideia de que eles não saberiam fazer ou se conduzir em um trabalho de corpo mais estruturado. A capoeira é um momento propício ao trabalho do estar em grupo, da competitividade, da disciplina, da superação e da aceitação de dificuldades e limitações. Ela funciona também como um canal, socialmente valorizado, de expressão da agressividade. A prática da capoeira, além disso, permite ao adolescente desenvolver sua autoestima a partir da aquisição de habilidades físicas, além de estimular a expressão corporal e mantê-lo em contato com a musicalidade e com a cultura afrobrasileira. É interessante perceber que pode ser uma atividade com movimento, jogo e música, ela permite um nível de organização do sujeito com

relação a suas dificuldades de estar com o outro, estar em grupo. Assim foi o caso de Milton, que chegou ao CARIM não só com uma imensa dificuldade de conviver em grupo, mas, principalmente, produzindo no grupo mal-estar geral em função de suas provocações e “pirraças”. Milton não conseguia participar de atividades que exigissem dele um maior tempo de concentração ou trocas com outros meninos. Porém, a capoeira a pareceu ser o local onde Milton, além de demonstrar grande habilidade, apresentar concentração, interação com o grupo, respeito às regras do jogo, à figura do Mestre, pôde se identificar e construir um projeto que o fez avançar nas graduações da mesma. Além disso, a relação entre Milton e o grupo mudou muito a partir daí.

Convívio e Cotidiano na Reabilitação Psicossocial

Todas essas possibilidades das oficinas funcionaram como lugar de trocas, de falas, de formas coletivas de estar com o outro sem impor uma estrutura de grupo definida e devesse ser cumprida pelos pacientes. Em um CAPS estar numa oficina é apenas uma possibilidade, uma estratégia de ação, uma forma de encaminhar ideias, conversas, coisas que se quer inventar, criar. Porém, para estar nesse local de tratamento significa estar no seu cotidiano a partir de onde for possível se inserir. Existem jovens

que chegam e não querem participar de atividades grupais, mas, curiosamente, se interessam por alguma coisa que está sendo feita na cozinha ou no pátio, por um profissional. Algo ali o captura, o interroga e o faz ficar. Então, talvez, a tarefa da equipe seja de conduzir o processo naquilo que ele está mostrando. Muitas vezes ao chegar ao CARIM, os profissionais encontram pacientes envolvidos em atividades criadas por eles mesmos, jogos, conversas, “papos”. É interessante observar esse movimento, essa autonomia, onde algo aparece e se organiza a partir deles ou de algum paciente grupo que, naquele momento, pôde assumir certa liderança.

O trabalho num CAPS determina a participação de todos no processo de reabilitação, tanto os profissionais de nível superior quanto os de nível técnico, que desempenham papéis importantes. A reabilitação psicossocial deve pressupor também certa reavaliação do lugar da equipe na convivência com o outro, pois quando se fala em laço social, comunidade, vínculo, aponta-se para um lugar no qual diversas pessoas podem assumir o papel de facilitador dentro dessa rede de convívio.

Que motivos teria uma criança ou um jovem para ficar em um CAPS? Essa questão não pode ser respondida a priori, pois parte fundamental da resposta estará sempre de forma singular em cada jovem que ali

vai para ser cuidado. É nesse sentido que o trabalho das oficinas deve ter como aliado certa informalidade, certo tom de inacabado, para que o outro, no caso os pacientes, possa participar ativamente dessa construção diária.

Como trabalhar com pessoas cuja principal questão pode ser, inicialmente, a ausência quase completa do desejo de interagir e partilhar atividades com outros? A reabilitação psicossocial tem como pressuposto fundamental a constituição ou reforço de laços sociais dos pacientes e, para que isso ocorra, é necessário partilhar atividades, efetuar trocas simbólicas impulsionadas pelo desejo. Descobrir o que pode pôr em jogo o desejo de cada adolescente torna-se tarefa essencial para produzir um clima favorável ao processo de reabilitação. Nesse sentido é necessário superar uma aparente contradição desse trabalho: o desejo é particular, singular para cada sujeito, e a proposta do CAPS é coletiva. Mas coletiva não necessariamente significa coletivização forçada (fazer com a maioria adapte-se ao programa que uma equipe considera o melhor). As crianças e adolescentes podem optar pelas oficinas que desejam participar; pelo tempo que desejam permanecer em cada uma delas; pela maneira que interagem nas atividades. Eles podem optar, inclusive, por não fazer nada, o que pode ser a única opção

desejante daquele momento para aquele sujeito. Fazer nada, e assim mesmo conviver com outros, é parte de um processo que conduzirá o adolescente a formular alguma demanda, no seu (dele) devido tempo.

Notas

1. Este texto foi elaborado a partir das experiências produzidas nas diversas oficinas terapêuticas do programa Ponto de Encontro, para adolescentes portadores de transtornos psíquicos, do CARIM do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. Centro de Atenção Psicossocial –CAPS – é um nome usual no Brasil para os espaços de cuidados em saúde mental que procuram servir de opção a um modelo centrado no Hospital Psiquiátrico. O Ministério da Saúde oficializou o termo CAPSi para designar Centros de Atenção psicossociais voltados para crianças e adolescentes. Não usaremos no texto a denominação oficial por considerarmos que ela causa a impressão que o dispositivo destina-se somente a crianças, ainda mais que o adolescente é extremamente cioso do seu status de estar além da posição infantil.

Para saber mais

Pitta, Ana (org.) - Reabilitação psicossocial no Brasil. Hucitec, São Paulo, 1996.

Sarraceno, B. - Libertando identidades - da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Instituto Franco Basaglia/Te Corá, Rio de Janeiro, 1999.

